

## GEORGE VIDOR

**Entrevistadora:** Carla Siqueira

**Data da entrevista:** 08/10/2008

### **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Eu nasci no Rio de Janeiro, em 1952. Estou agora com 56 anos, recém-completados... Estudei em escola pública, eu nasci na Rua do Riachuelo, nem existe mais a casa de saúde em que eu nasci. Então, sou carioca da gema, bem da gema do ovo, da Rua Matacavalos. Vivi minha infância no Catete, no Flamengo, morei um tempo na Avenida Ruy Barbosa, eu vivi um pouco o fim da capital federal, eu morava, uma época, numa rua chamada Correa Dutra, que tinha ali, onde a guarda do presidente esperava para trocar de guarda, o batalhão de guarda fazia ali um pouso e depois ia lá trocar de guarda, o presidente, na época, que eu me lembro, era o Juscelino, os presidentes anteriores eu era pequeno, e isso eu estou contando, porque influenciou um pouco a minha vida. Tinha por exemplo, a União Nacional dos Estudantes, que era ali pertinho, e eu jogava tênis de mesa, até joguei direitinho, quase, podia ser... Hoje eu vejo as pessoas jogando, digo: "Não é nada do que eu joguei na época, aquela velocidade e tal", mas, eu tinha assim dez anos, por aí, frequentava também o Clube de Regatas do Flamengo, mas eu sou tricolor, fluminense. Enfim, então acompanhei um pouco ali aquela vida política, que ainda restava da capital federal, que o Flamengo abrigava a sede do Governo Federal, eu estudava na escola Rodrigues Alves, que era colada ao Palácio do Catete, eu brincava nos jardins do Palácio do Catete, meu jardim de infância foi no clube do Flamengo, que a gente ia uma vez por semana. Então, eu acho que esse mundo da política, da vida política do país, a UNE, tudo isso, influenciaram na minha infância, também tinha tios meus que... meus pais não, mas meus tios afins, inclusive, minha família é muito pequena, então, minha família se agregou a outras, eles gostavam muito de discutir política, eu já gostava daquela discussão. Em função disso, bom, um outro parêntese, fui estudar no colégio Pedro II, que era o colégio padrão na época, era uma boa referência, uma escola pública, a minha família, meus pais haviam se separado, isso afetou muito a situação financeira da

gente, então, eu tinha que estudar mesmo em escola pública, não tinha como ir para uma escola particular. E na época também os colégios particulares, nem todos eram bons, eram alguns, já tinham vários colégios particulares bons, mas na média, a escola pública, por incrível que pareça, era o ensino melhor do que a média das escolas particulares. Bom, aí entrei para o Pedro II, em 1964, exatamente 1964, no primeiro dia que eu fui a aula, teve uma greve dos bondes, a gente pegava bonde, não, mentira minha, já não era bonde, já era ônibus elétrico, o bonde tinha acabado de acabar, mas tinha uma greve dos ônibus, e eu não consegui ir no meu primeiro dia de aula. Aí já estava vivendo uma confusão danada, e logo depois teve o golpe de 1964, 31 de março, 01 de abril, a sede da UNE pegou fogo, as pessoas, alguns estudantes que eu conhecia, principalmente o pessoal do, estudantes não, eles eram mais velhos, do Centro Popular de Cultura da UNE, fugiram até pela casa que eu morava, que a gente tinha uma, essa casa aí era uma vila colada a UNE, até a Rua Correa Dutra, e porque eu jogava ping-pong, tênis de mesa, a gente falava ping-pong, era tênis de mesa que era um esporte mais... Eu tinha acesso a certas coisas ali na sede da UNE, por exemplo, eu tinha 12 anos de idade, mas eu via os filmes proibidos no grupo cinematográfico, era um cineclubes que a União Metropolitana dos Estudantes tinha, então, vi filmes que uma pessoa, um garoto da minha época não veria, porque era proibido, eu via porque eu tinha um passe, me deram um passe lá, o pessoal. Eu via, por exemplo, os ensaios das peças do Centro Popular de Cultura, na UNE, Ferreira Gullar, Tereza Aragão, João das Neves, pessoas que ficaram até famosas aí no mundo da arte, do teatro, Oduvaldo Vianna Filho, eu ali garotinho, ia lá ver eles ensaiarem aquelas peças. Então, esse mundo meio que me fascinou, o mundo da esquerda, cultural, eu estou dizendo isso, porque isso vai afetar a minha vida profissional. Então, quando eu entro para o Pedro II, já num ambiente de ditadura militar, mas havia ainda um movimento de resistência, de tentativa de se reverter aquele quadro, é... Então, eu garoto assim, por exemplo, participei da campanha do Negrão de Lima, ficava lá no comitê eleitoral dele, fazendo o que um garoto podia fazer que era muito pouco, anotava recado, distribuía panfletos, colava cartazes, enfim, também comecei a ver o mundo ruim da política ali. Estava andando assim, na Avenida Rio Branco, dentro de um carro do meu comitê, e eu me lembro que tinha lá, um dos chefes do apoio do nosso comitê, e tinha uma história de que o Castelo Branco apoiava o Negrão, mas eu achava que aquilo era um absurdo. Aí de repente, esse nosso chefe lá do comitê, um senhor, nem sei quantos anos ele tinha na época, ele tinha a minha idade de hoje, eu acho que ele era um velho, parou assim, um carro do lado, tinha uma senhora que, evidentemente, era contra o Negrão, votava no Flexa Ribeiro, que era o candidato do Carlos Lacerda, na época, e as admiradoras

do Carlos Lacerda eram chamadas pela esquerda, na época, de mal amadas, eram pessoas que eram mal amadas, a forma pejorativa de você agredir o seu adversário, e ele começou a falar, e falar "Ah, porque fulano esta com a gente, fulano está com a gente". Tinha um cartaz do Aurélio Viana que botava que o Castelo estava com Negrão, ele falou: "Castelo está com a gente", na hora eu senti um arrepio e disse: "Pô, eu estou fazendo campanha para um cara, pra um cidadão que eu considero oposição ao regime militar, eu estou fazendo a campanha, na verdade, pra alguém que é apoiado pelo presidente Castelo Branco". A gente vivia no Rio este clima ainda meio de política, de... Ainda tinha campanha eleitoral, voto direto pra governador, aliás, foi à última eleição pra voto, que eu garotinho, já me envolvia nisso. Quando fui lá para o Pedro II, a política estudantil começou a surgir, 1966, 1967, eu me aproximei das pessoas mais de esquerda, quer dizer, o que eram as pessoas mais de esquerda? Eram aquelas que faziam alguma política, porque nós éramos crianças ali e completamente alienados, então, meia dúzia de pessoas que eu conheci gostavam de cinema, que gostavam de política internacional, era assim um muro pequeno, e a gente acabou se envolvendo no grêmio, o grêmio era assim o aparelho, como se dizia na época, a forma de você entrar pra tentar influenciar os colegas alienados, fazerem a revolução ou qualquer coisa parecida com isso. Então, entrei para o grêmio, era o secretário-geral, era um, sou virginiano, então, também gosto de organização, e a nossa maior, o nosso maior instrumento de conquista dos alunos era dar a carteirinha de estudante, o Pedro II já estava, a burocracia federal já estava em decadência naquele momento, então, não dava a carteirinha de estudante para o aluno, aí a gente tinha uma caderneta que era desse tamanho, pra levar aquilo para o cinema era uma coisa horrível, então, o grêmio passou a dar uma carteirinha de estudante, aquilo foi um grande sucesso no colégio, nossa, o grêmio ficou até prestigiado por causa disso. Aí, vai se envolvendo lá, resolvemos fazer um jornalzinho, eu já tinha mania de jornalzinho, também voltando atrás, eu bem garoto ali, nessa minha rua, fiz um jornalzinho com o vizinho chamava *O Tartaruga*, uma coisa tão infantil, realmente, que falava das fofquinhas da rua, fazia uns comentários sobre coisas que estavam acontecendo ali, não tinha nada de política, não tinha nada disso, isso eu tinha dez anos, por aí, 11 anos no máximo. Mas essa época que eu estou falando já é 1967, 1968, ano em que as coisas foram se acirrando, passeatas, a gente ia para as passeatas uniformizados, o Pedro II andava de gravata, por isso que eu ando de gravata borboleta, é trauma do Pedro II, tem que andar com aquela gravata o tempo todo. Então, eu resolvi fazer um jornalzinho dentro do grêmio, um jornal muito ruim por sinal, hoje eu tenho até uma certa vergonha de ver, mas esse jornal, em determinado momento, eu resolvi fazer ele grande, não queria mais

jornalzinho não, eu achava que jornalzinho de colégio, vamos fazer um jornal igual a um jornal. E eu ia na sede d'O País, era uma jornal que não existe mais, ele durou muito pouco tempo, mas pra nós, pra nós estudantes, O País era assim uma coisa mais liberal, uma coisa mais de oposição ao governo, a gente tinha uma admiração pelo O País, era O País, a Última Hora e o Jornal dos Sports, tinha uma página sobre educação. Eu fazia um jornal mural também, eu chegava uma hora mais cedo no colégio, recortava as notícias que interessavam a gente, principalmente, notícias relacionada com a educação ou com passeata estudantil, essas coisas, ou política internacional que eu gostava, e montava o jornal, diagramava um jornal mural. E daí que eu me envolvi na ideia de fazer um jornalzinho lá, que depois eu transformei num jornalzão, ia lá no País e pegava aqueles clichês já prontos, pra fazer o clichê ficava muito caro para um... A gente não tinha dinheiro, então, a gente tinha uns anúncios, geralmente eram anúncios de cursos de vestibular, Miguel Couto, Vetor, Curso Baiense, financiavam o suficiente pra gente rodar o jornal, eu rodava no Gazeta de Notícias, e como eu demorava muito tempo, que tinha que ir lá no Gazeta de Notícias pra compor, eu diagramava no olho, não tinha uma técnica de diagramação, então, tinha de montar o jornal na gráfica, eu fiquei muito envolvido com esse ambiente de gráfica, eu conheci até um pouco de como é que fazia o jornal, envolvi com o nascimento do jornal, o pessoal, a redação da Gazeta de Notícias era muito pequena, era um jornal que, basicamente, cobria crimes, também eu via como é que aquilo era feito, e já umas mulheres, botavam fotos de mulheres de biquínis na capa, que as fotos eram tiradas no escritório do chefe da redação. Uma vez eu entrei lá, estava uma moça de biquíni, também não era uma maravilha não. Pois bem, eu fui me envolvendo com esse ambiente de jornal, fui me envolvendo com esse ambiente de jornal, aí surgiu, nessa época, um concurso no Correio da Manhã, jornal Correio da Manhã, já falecido, extinto, mas era muito bom, tradicional, muito bem feito, rivalizava um pouco com o Jornal do Brasil na época, O Globo já era um jornal importante, mas não tinha tanto impacto, tanto impacto no conjunto da sociedade, o Globo tinha mais um segmento da opinião pública que gostava dele. E lá no Correio da Manhã eles fizeram esse concurso. Eu resolvi inscrever o concurso, o nosso jornal no concurso, porque o concurso se ganhasse, ganhava um estágio no Correio da Manhã e mais a passagem de ida e volta à Bahia com acompanhante, eu acho que 40 cruzeiros de ajuda de custo, eu sei disso porque essa parte do prêmio eu nunca ganhei, nunca me deram essa parte da viagem. Mas aí eu fui me envolvendo com as pessoas ali, e fui percebendo que eu ia ganhar o prêmio pelos outros jornais que estavam, o nosso era mais... Teve até uma polêmica com o falecido Paulo Francis, tinha um artigo, que o Paulo Francis tinha toda a razão,

toda, que a gente no fundo, dizia o seguinte, que tentava minimizar o efeito da invasão da Tchecoslováquia, como se aquilo não fosse muito importante, claro a gente estava aqui no outro lado, o Paulo Francis saiu de pau em cima da gente, com toda razão, ele só exagerou um pouco dizendo que a gente era ligado à caquética, não esqueço dessa palavra nunca, "facção Prestes", porra, quase que entregou a gente. Aí o pessoal do *Correio da Manhã* fez a gente escrever uma carta refutando, dizendo que não era isso, enfim, travei uma polêmica com Paulo Francis, garoto, e o Paulo Francis embora tenha sido um jornalista brilhante, e nessa época ele tinha, ele era aquela pessoa assim, com aquela postura um pouco arrogante, ele era uma pessoa que se diferenciava mesmo no mundo do jornalismo, mas as pessoas assim, da redação, tinham uma certa antipatia por ele, então torciam para o nosso lado, eu entrava na redação com o uniforme do Pedro II, os caras que estão aqui brigando com o Paulo Francis, imagina. Mas isso também me promoveu lá dentro do jornal, a ponto da gente, ganhamos o prêmio, até porque no outro número eu fiz questão de ser bem claro e condenar firmemente a invasão da Tchecoslováquia, como qualquer outra invasão, não tentar esconder isso. A gente reunia ali artigos no nosso jornal de vários coleguinhas, colegas de colégio, e não tinha nenhuma censura, a gente não discutia, se o cara puxasse um pouco pra brasa lá opinião dele, era aquilo que ia sair, não tínhamos um conselho editorial, então, às vezes o jornal acabava tendo essas escorregadelas, tive que engolir isso, imagina, e no outro número, graças a Deus, eu fiz questão de dizer: "Olha, aqui vamos condenar firmemente qualquer tipo de intervenção estrangeira", eu não tinha vivido a invasão da Hungria, devia ter aprendido ali, meus amigos mais antigos deviam ter me chamado minha atenção para isso. Bom, isso foi pra dizer que aí eu comecei a minha vida profissional, ganhei um estágio no *Correio da Manhã*, esse estágio me foi prometido em novembro de 1968, outubro de 1968, por aí, aí veio o Ato Institucional número cinco, 13 de dezembro de 1968, o que acontece? O país passa a viver um clima de censura, um clima horrível, um massacre na imprensa livre, chamada, o que era imprensa livre? Era a imprensa que existia na época, em que ainda havia articulistas, colunistas que criticavam abertamente o regime militar, tipo Paulo Francis, tipo Otto Maria Carpeaux, Carlos Heitor Cony. Aí estou eu lá no Pedro II, perdi, fui evidentemente, eu não cheguei a ser expulso do Pedro II, por sorte minha, tinha um decreto-lei 477, que tirava o estudante envolvido em atos subversivos, eu simplesmente perdi a matrícula, eu cheguei lá tinha uma coisa escrita assim: "O aluno pode se matricular em qualquer outro estabelecimento de ensino", só que com essa frase eu não conseguia me matricular em nenhum colégio público, eu chegava lá, diziam: "Infelizmente não tem vaga", parece que era a senha pra dizer que o cara veio do Pedro II com essa

frase. O único colégio que me aceitou, eu tenho uma gratidão enorme por isso, foi o Instituto Lafaiete, na Tijuca, e pagar, a primeira vez que eu pagava um colégio pra estudar, estava no segundo ano científico. E aí, o *Correio da Manhã* estava na maior crise, crise financeira, ele já vinha na verdade numa crise financeira e estava sendo estrangulado pelo regime militar, porque o *Correio da Manhã* fazia uma posição liberal ao regime militar, então, como ele era mal administrado e era de oposição, ele acabou não tendo para aonde correr, a publicidade oficial desapareceu do jornal, evidentemente, e os anunciantes privados também, poucas empresas que tinham na época no Brasil ficavam com medo de anunciar no *Correio da Manhã*, então ele foi encolhendo, ele foi perdendo a capacidade financeira, e eu me lembro que 50 por cento da redação foi mandada embora naquele momento, ali naqueles meses pós Ato Institucional número cinco. Nesse contexto, me chamam pra cumprir o estágio, estágio que eu tinha ganhado como, eram três meses de estágio remunerado, diziam que era remunerado, eu tinha 16 anos de idade, tinha acabado de sair do Pedro II, estudava no Lafaiete, aí não andava mais de uniforme, o Lafaiete não exigia uniforme, então sentei numa redação com 16 anos de idade. Teve um grande jornalista chamado Nelson Lontra Costa, que foi uma figura fundamental na minha vida, não só como jornalista, como pessoa, eu tenho uma gratidão por ele enorme, ele me ajudou muito a abrir minha cabeça, ele era uma pessoa de esquerda, até tinha sido do Partido Comunista, mas tinha rompido com o Partido Comunista nos anos 1950, então, ele também tinha uma visão um pouco crítica do que eram esses da esquerda convencional, ele era uma pessoa maravilhosa, me ajudou muito, conhecia muito teatro, escreveu uma peça, tentou fazer cinema, e eu herdei um reboque dele, além de ser meu professor de jornalismo, eu acabei pegando carona na vida social dele, nessas coisas que ele fazia. Pois bem, o Nelson era encarregado de coordenar esse grupo de estagiários. A primeira matéria que eu fiz, foi sobre a semana santa, a semana santa, eu não sei por que uma coisa envolvendo semana santa, aquelas efemérides que às vezes os jornais da época faziam, e demorei o dia inteiro pra fazer, umas quatro, cinco aulas, pra mim foi, eu só sabia escrever panfletos, não sabia o que que era jornalismo, o que, por que, aonde, como, não tinha ideia que isso era o jornalismo de fato, eu sabia fazer o panfleto ali, falar mal de alguém eu sabia fazer, mesmo assim escrevendo muito mal. Aí o Nelson pegou a minha matéria, rabiscou tanto ela, tanto ela, que eu tive de rebater, não tinha como aproveitar o texto ali, eu saí dali no chão, arrasado, mas enfim, foi meu primeiro... Depois eu fiz uma sobre o primeiro de maio, sobre a história do primeiro de maio, porque que existia o primeiro de maio, aí eu sabia fazer, porque era um mundo que eu tinha acabado de viver, a gente estava vivendo um período difícil, mas ainda tinha espaço para

escrever sobre isto, aí eu fiz a matéria sobre o primeiro de maio. Bom, esse grupo de estagiários, ele foi mudando, só que com a crise do *Correio da Manhã* a gente acabou, eu com 16 anos, acabei fazendo coisas que nenhum garoto de 16 anos faria num jornal grande. O *Correio da Manhã* ainda era um jornal grande. Eu tive oportunidades que, por exemplo, a dona Niomar resolveu brigar com o Negrão de Lima, não podia brigar com o governo federal, saiu brigando, e aí mandou fazer matérias do tipo: "Negrão não cumpriu o que prometeu", ora, então aquele garoto lá, todo cheio de empolgação pra falar mal do governo, conseguiu falar mal do governo estadual, não era o governo federal, a gente falava do governo estadual. Eu acho que isso durou um mês, um mês e pouco só, rapidamente ela se compôs com o Negrão de Lima, e a nossa editoria foi dissolvida. O editor chamava Alberto Rajão, tinha sido deputado estadual cassado, pelo MDB na época, o Nelson Lontra também participava dessa editoria de crise, a gente chamava de editoria de cidade. Só que quando ela fez o acordo com Negrão de Lima, ela não contou pra gente, então, a gente sentiu que de repente a nossa matéria não saiu mais, ficaram com vergonha de dizer que tinham feito um acordo. E aí, comecei a fazer umas matérias, dado pelo meu chefe de reportagem, chamava Marino de Castro, também foi uma figura importante no começo da minha vida profissional, sobre Petrobras, imagine. A Petrobras tinha comprado a primeira plataforma para explorar petróleo no mar, para perfurar o mar, era uma tecnologia ainda nova no mundo, eu fui fazer a matéria sobre esta plataforma, ela nem tinha chegado ao Brasil, e eu fiz, aí o *Correio da Manhã* tinha um caderno chamado *Correio Econômico*, saía aos domingos, que era uma coisa realmente pra muito iniciado, não era para leitor comum. Mas aí, a minha matéria saiu na primeira página do *Correio Econômico*. Aí mandaram eu fazer uma segunda sobre exploração econômica do mar, eu peguei um estudo da ONU por acaso. Por causa disso, ah, também o homem foi à lua, o homem foi à lua nessa época, eu fiquei na editoria do homem na lua, reescrevendo os telegramas que vinham lá fora. Eu fiz uma materinha que saiu no *Correio da Manhã*, comparando os orçamentos do programa espacial americano com os orçamentos de países. Então me lembro que só o que foi deixado na lua era mais que o orçamento de um ano de um país como a República Dominicana, e fui comparando, não me lembro mais desses números. Então, foram algumas matérias relacionadas a economia que eu fiz, sem nenhuma pretensão, não tinha a menor ideia, que fez com que o meu chefe de reportagem, num remanejamento da redação, me indicasse pra Economia, editoria de Economia. Aí eu já tinha 17 anos, já era o ano de 1969, eu já tinha 17 anos. Mas mesmo assim, quando ele me transfere para a Economia, eu senti como se fosse apunhalado pelas costas, digo: "Poxa, ele não gostava do meu trabalho aqui", porque economia, na época, era o

quê? Era uma seção que a gente passava por cima, o assunto econômico ainda não estava no nosso dia-a-dia, a parte nobre do jornal era política, assuntos da cidade, cultura, esporte, economia não tinha, era uma coisa para iniciados realmente, para mundo empresarial, que no Brasil era muito pequeno. E eu não tinha ideia, era um jornalista, estava no segundo ano do científico, mal sabia escrever, passo para Economia, tinha que andar de gravata, terno e gravata na Economia. No primeiro dia que eu fui pra Economia, não sabia o que fazer, eu era um jornalista que tinha que fazer uma pauta, me dava uma pauta e eu fazia, ou às vezes conseguia, dentro dessas pautas, eu mesmo pensar no assunto que fosse interessar ao jornal. Economia não, eu tinha de arranjar as pautas, fazer as matérias, então, no meu primeiro dia de trabalho, não sabia o que fazer, e vi os meus colegas da Geral indo embora pra rua com as pautas, acho que os meus olhos ficaram lacrimejando de, eu me senti arrasado ali, todas as pessoas mais velhas da redação vieram me cumprimentar, eu estava sendo promovido e não sabia, não tinha a menor ideia que eu estava sendo promovido, quer dizer, o meu chefe de reportagem gostava de mim, ele me viu como um, viu que eu tinha capacidade de entrar num setor, que ia crescer, estava crescendo. Pois bem, aí teve uma greve de estagiários no *Correio da Manhã*, saímos todos, greve porque a gente não recebia, acho que era 100 cruzeiros na época, demorava dois meses para receber e o pessoal quis fazer uma greve lá, eu não ia poder ser contra uma greve, imagine, fomos todos demitidos. Isso foi acho que junho, julho de 1969, tudo bem, aí em agosto, eu disse assim: "Tá legal", não, entraram as férias escolares, eu disse: "Vou pra Bahia, tem a segunda parte do meu prêmio". Aí voltei lá no *Correio da Manhã*, "Olha, gente, acabou meu estágio, minha vida de jornalista acabou, mais eu gostaria de ter a parte do meu prêmio", aí o redator-chefe, na época era o Franklin de Oliveira, disse assim: "Olha, parte do prêmio não tem, mas aquela greve que vocês fizeram, a gente já esqueceu aqui, você não quer voltar não?" Aí me contratou para Economia, me contratou, o meu salário, tinha um grupo de empreiteiros, ligados aí até ao Marcelo Alencar na época, tinha arrendado o jornal, *Correio da Manhã*, da dona Niomar, então estava cheio de dinheiro, eu fui promovido, então, eu ganhava 100, passei a ganhar 600 cruzeiros, eu era menor de idade, não tinha nem conta bancária, eu recebia o seguinte, eu ia lá no banco, recebia, e vinha com o dinheiro pra casa, com um saco, foi uma época acho que mais rica da minha vida, os meses que eu passei lá. Pois bem, só pra encurtar um pouco também essa história, eu comecei a fazer matéria de economia, matéria de economia, aí saí do *Correio da Manhã*, saí por problemas, na época, políticos, eu tive de me esconder uma época, porque eu tinha escondido umas pessoas lá em casa, essas pessoas foram presas, imagina, e eu tinha que sair fora, aí eu pedi licença lá e não voltei para o *Correio da*



*Manhã*. Também aquele mundo, naquele momento, ainda não... Eu não tinha decidido se eu ia ser jornalista ou não. Veja bem, eu sou a última geração que não passou por faculdade de comunicação, escola de comunicação, porque é lei, a lei do registro de jornalista é no dia 21 de outubro de 1969, como eu era antes disso, eu me aproveitei desse período em que não se exigia o registro profissional, e como eu era anterior, eu tive o direito de continuar sendo jornalista. Quando chegou assim dezembro, uns colegas meus que eram do *Correio da Manhã*, inclusive o Nelson Lontra, me chamaram para trabalhar na sucursal de jornal da Bahia, que tinham feito aqui no Rio, chamava *Tribuna da Bahia*, nunca tinha ido à Bahia, não conhecia nenhum baiano, era um jornal que era para concorrer com *A Tarde*, que sempre foi o jornal mais tradicional de Salvador. Então, eles montaram aqui uma sucursal enorme, e o Rio ainda tinha resquícios de capital federal, e esses meus amigos me chamaram para trabalhar lá, aí eu fui, me botaram pra cobrir o quê? Economia. Aí já tinha o Ministério da Fazenda, que ia lá ver o Delfim, cobrir um pouco da bolsa, a bolsa estava começando, 1970, a ter um mini bum, este bum se estendeu até 1971, e eu fiquei escrevendo sobre economia, os outros repórteres de economia me conheciam, aí também um ex-colega meu do *Correio da Manhã*, me convidou para trabalhar no *Boletim Cambial*, era só passar duas horas lá de manhã, *Boletim Cambial* era um jornalzinho, jornal de economia prestigiado até, e eu estava morando sozinho já, não morava na casa, acho que morava na casa da minha mãe, mas aí nesse momento eu já precisava de dinheiro, eu ganhava pouco lá na *Tribuna da Bahia*, aí acumulei com o *Boletim Cambial*. E nessa vida fui indo, daqui a pouco eu também acumulei com a *Tribuna da Bahia*, essa experiência se reduziu, eu fiquei como único correspondente do jornal aqui, trabalhava para o *Boletim Cambial* e para a *Gazeta Mercantil*, tinha três empregos, isso aos 18 anos, escrevendo sobre o quê? Economia. Pois bem, aos 19 me chamaram para trabalhar no *Globo*, *Globo* mal tinha uma seção de Economia, tinha formado a seção de economia só com repórteres oriundos da geral, era uma, e o *Jornal do Brasil*, que era o concorrente, já tinha uma editoria de Economia com profissionais gabaritados, pessoas com grande nome na imprensa, e a economia já era primeira página, já tinha saltado daquele lugar obscuro que ela ficava, e tinha vindo para a primeira página, o Brasil estava vivendo o milagre econômico, foi o ano de 1972, já tinha, Bolsa de Valores já era um assunto que interessava a todo mundo, caderneta de poupança, o país estava vivendo um milagre econômico, enfim, assuntos de economia vinham para a primeira página. Então, o *Globo* resolveu, estava num processo de reforma, Evandro Carlos de Andrade tinha ido para lá, tinha mudado completamente a redação, e para lugar, pra editor de economia chamaram o Ismar Cardona. O Ismar, eu conheci, era repórter da *Veja* de política, conhecia de a gente

se cruzar no Ministério da Fazenda, aí me chama pra ir para o *Globo*. Nesse momento, eu já estava com o germe do jornalismo, eu já queria ser jornalista, eu já iria ser jornalista, e aceitei o convite, evidentemente, pra ir pra lá, apesar de metade dos meus amigos deixou de falar comigo, "Vai trabalhar pra Roberto Marinho, imagina", falei: "Gente, eu vou trabalhar para um grande jornal, eu sou um jornalista, preciso ter experiência de trabalhar de novo num grande jornal, eu estou trabalhando só em jornal pequeno, especializado, é uma oportunidade para mim". Enfim, eu acho que a gente fez até um belo trabalho nessa época lá. E se montou essa editoria de Economia, então foi o momento em que o *Globo* estava querendo conquistar leitores, conquistar espaço, se tornar um veículo importante no contexto, inclusive, tentando fugir um pouco daquela imagem que ele tinha de um jornal que ainda estava na guerra fria, do combate Moscou-Washington, só pensasse nisso, era um jornal que tinha espaço até para uma discussão na área de economia. Eu fui cobrir mercado de capitais no *Globo*. Isso foi em 1972, eu fiquei lá, fui sendo promovido, era repórter B, passei para repórter A, depois para repórter especial, depois para repórter-assistente de editor, ajudava a fechar a edição, eu tinha a experiência do meu jornalzinho lá pequeno, eu já tinha intimidade com a edição, eu peguei muito isso rapidamente também. Teve um ano, em 1972, que a gente fez um caderno, de cento e poucas páginas, que chamava *Panorama Econômico*, fechamos ele assim na marra, em poucos dias, o meu editor ficou doente, o subeditor ficou doente, só sobrava eu, eu perdi a voz nesses dias que tinha que fechar lá esse caderno, mas eu ganhei uma experiência enorme de fechamento por causa desse caderno, 1973, se não me engano. Bom, eu fui promovido até que um dia passei a fazer uma coluna n' *O Globo*, a coluna não era assinada, junto com Luis Alberto Bittencourt, chamava *Panorama Econômico*, coluna de notinhas, notas econômicas, me deu também uma experiência de colunismo. Como eu cobria o mercado financeiro, o mercado de capitais, tem muita fofoca nessa área, muita notícia de bastidor, então era mole fazer uma coluna. Depois eu fui promovido a subeditor, quando o Johnson Santos, que era o subeditor, passou para a Política, e foi numa época que o Ismar Cardona estava muito desiludido com o trabalho n' *O Globo*, ele tinha meio que brigado com o Johnson Santos, que eles eram bem amigos, eles ficaram bem brigados, isso afetou muito ele emocionalmente, ele largou um pouco o trabalho lá em cima da gente, porque ele já tinha a visão de sair do jornal, ele queria sair do jornal. Depois ele foi montar o próprio jornal dele, e a gente ficou segurando o barco ali, até que o Ismar saiu e o Evandro, com certa reticência, me promoveu a editor. Reticência por quê? Porque eu era muito novo, segundo, eu era uma pessoa que tinha um defeito, talvez pelo, de não saber fazer política interna da redação, não sabia bajular o meu

chefe, isso é importante na vida das relações humanas, bajular eu estou exagerando, não é nesse sentido, mas enfim, fazer um certo RP, certas relações públicas com seus superiores hierárquicos, atendê-los, dar a atenção que eles merecem, enfim, eu não fazia isso muito não, eu só fechava o jornal, ia lá na reunião, acabou o que eu tinha de dizer, eu levantava e ia embora. Isso incomodava ele, com toda razão. Então, ele foi muito reticente na hora de promover, mas me promoveu, porque na verdade, eu vinha tocando o barco ali a um ano, não fazia sentido ele não me promover. Aí fiquei como editor de Economia um ano e pouco, eu acho, teve o episódio lamentável, que me fez sair do *Globo*, que foi o seguinte: O Brasil estava em crise na dívida externa, naquela época, já em crise na dívida externa, e por causa dessa crise, o ministro da Fazenda, Delfim, tinha que peregrinar em todo o mundo para as coisas ficarem em ordem. Isso já é década de 1980, início da década de 1980, em 1982, 1982, 1983, então, ele vai a Paris, e nessa ida a Paris, nós não conseguimos nada, não tinha uma informação, a nossa correspondente, que era a Eny Moreira, estava de férias, e tinha um freelance cobrindo as férias dela que se chamava Flaminio Fontine, não vou esquecer nunca do nome desse rapaz, e o Flaminio me liga e disse assim: "Olha, eu não consegui absolutamente nada, só que o Delfim aqui foi convidado para um jantar, aqui num restaurante, peguei até o cardápio lá do jantar, cardápio do que ele comeu, acho que a conta foi 58 dólares, mais ou menos, por pessoa", era ridícula, "Eu vou fazer uma materinha de emergência", digo: "Tá tudo bem, então manda", aí ele mandou a matéria e mandou o cardápio em francês. A gente publica essa matéria, a minha redatora, a Helena Celestino, que hoje está, participa da chefia de redação do *Globo*, ela perguntou: "Vou cortar isso aqui né?", eu falei: "Não, deixa, deixa, porque acho que é só isso que a gente tem, então vamos deixar". Aí publica, nesse dia também o *Jornal do Brasil* deu, tinha uma seca no Nordeste, tinha gente comendo calango no Nordeste, calango é um camaleãozinho, e o *Globo* sai com a matéria do Delfim se banquetecendo em Paris, comendo aquelas comidas com nome em francês, que na época aqui nós desconhecíamos, nós éramos ignorantes em gastronomia, jornais não cobriam gastronomia, com aqueles nomes em francês, pareciam até, não sei se vocês percebem, os franceses costumam pegar o cardápio e descrever produto por produto que eles põem no prato, então, a descrição do prato no cardápio ainda é mais, parece assim uma coisa mais sofisticada ainda do que na verdade é. Pô, o Evandro achou aquilo um abuso da minha parte, achou que aquilo foi uma provocação, não foi, aquilo foi imaturidade minha, ele, nesse sentido o julgamento dele foi muito severo, é que eu, naquela época, já tinha toda uma rotina, que eu não imaginei que eu precisasse consultá-lo sobre isso, ele achou que ele devia ter sido consultado, acho que com

isso perdeu, digamos assim, a confiança que tinha em mim, foi uma quebra de confiança, e me mandou embora. Foi um episódio horrível, porque ele me mandou embora pelo telefone, eu tinha trabalhado no *Globo* 11 anos, tinha me dedicado muito, e isso causou uma certa comoção no meio jornalístico, eu não fiz nada, eu fui e fiquei em casa, não falei com ninguém, não protestei, não liguei pra ninguém, mas aí o Evandro também tinha lá seus inimigos, adversários, várias pessoas escreveram artigos condenando por essa atitude, tinha gente que dizia que o Roberto Marinho que tinha mandado embora, tinha outros que o Delfim tinha pedido a minha cabeça, teve discurso no Congresso Nacional, eu fiquei até um mini-herói em determinado momento, porque tinha "o jornalista que publicou o banquete, que escreveu", eu já tinha escrito, eu não fiz nada disso, eu não tinha a menor intenção de fazer isso, depois até o Delfim se reuniu lá em São Paulo com os outros jornalistas, disse: "Olha, eu não pedi a cabeça do rapaz, eu até sou o causador disso tudo, porque se eu tivesse dado uma entrevista lá em Paris, isso não tinha acontecido". Pois bem, aí fiquei desempregado...

**Vamos falar um pouco mais sobre esse período de 11 anos do *Globo*, porque, como você estava narrando, você pega justamente o momento em que a economia, não só cresce como tema no país, mas dentro do próprio jornal. A economia, como você disse, vai para a primeira página. Ela tem importância muito grande durante o período militar, na época do "milagre". Qual era a postura do jornal em relação a essa política econômica dos governos militares?**

*O Globo*, assim como a maior parte da imprensa, da grande imprensa, tem uma postura conservadora, conservadora no sentido de apoio às instituições. Mesmo com o regime militar, o *Globo*, evidentemente, tinha uma postura de apoiar as iniciativas da instituição governo, na época. Então, a política econômica recebia, o *Globo* apoiava a política econômica, o país estava crescendo, não havia nem como não apoiar. Só que o *Globo* dava espaço também para uma certa crítica, uma crítica que era, na época, pequena, mas havia, a gente talvez, exatamente por ser o *Globo*, que tinha a visão de ser um jornal muito conservador, ele tinha talvez espaço, ou credibilidade, ou crédito, não credibilidade, crédito para abrigar um pouco desta discussão econômica, e nós tivemos, não sei também a pretensão, hoje eu olho assim, não sei qual foi na importância que a gente teve em veicular economista Pedro Malan. Uma vez a gente publicou um debate com a Maria da Conceição Tavares, a gente achava isso o máximo, por exemplo, teve uma discussão sobre os contratos de risco, foi uma iniciativa correta do presidente Geisel na época, em que a gente criticou muito, porque era uma ameaça a

Petrobras, nós já estávamos errados, [risos] mas era uma relação assim, eu raramente recebia alguma restrição, pouquíssimas matérias minhas deixaram de sair porque foram avaliadas como algo que pudesse deixar o regime militar, o governo militar enfurecido, não me lembro de ter feito nada. Claro que a gente já escrevia com certo cuidado, a auto-censura passou a ser uma coisa, o jornalista aprendeu a escrever de uma maneira que pudesse ser uma matéria veiculada. A única matéria minha que foi, que não saiu, que foi publicada anos depois, foi uma entrevista que eu fiz com o presidente Juscelino Kubitschek pra esse, esse caderno *Panecão*, como a gente chamava, eu consegui uma conversa com ele, porque eu cobria o mercado financeiro, ele era presidente do Banco Denasa, eu conheci ele ali e tal, e pedi: "Presidente, o senhor podia conversar com a gente sobre seu depoimento?" Aí fomos eu, o Ismar, o Luís Alberto, eu acho, e o Johnson Santos, e ele falou: "Eu vou contar a vocês o romance do desenvolvimento", e contou a história resumidamente, o plano de metas, as coisas, como é que ele via o mundo, e eu escrevi isso, escrevi de cabeça, de memória, porque não queria perder, evidentemente, deve ter sido consultado lá e a direção do jornal achou que não devia publicar, eu também escrevi sabendo que era difícil, mas não custava nada forçar um pouco a barra. Essa matéria foi publicada quando Juscelino morreu, eu guardei e quando ele morreu eu publiquei esse depoimento, tinha cópia, saiu na morte dele, e até a gente inventou lá um pretexto para dizer porque não tinha publicado na época, porque era muito chato o jornal não ter publicado, a gente se acovardou, a época era outra, coisa e tal, três, quatro anos depois, ele morreu em 1975, 1976, se não me engano, mas o contexto já era diferente, no governo Geisel já tinha um pouco de abertura.

**Mas tinha crítica dele à política econômica?**

Não, não tinha, não tinha.

**Era só em função da figura que ele representava?**

A figura que ele representava. Ele recebeu a gente de chinelo, porque ele tinha um sapato que atrás era cortado, fingia que era um sapato, mais na verdade era um chinelo. Foi uma conversa fascinante. Eu vi agora a série JK e me lembrei muito das coisas que ele me falou, eu tive, aí ele escreveu uma carta pra mim, agradecendo, colega meu escreveu a mão essa carta, um comentário qualquer, "Oh, pede aí ao seu amigo informação sobre não sei o que", puxa vida, [risos] um documento que pra mim seria, ter um rabisco lá no pauteiro, no vou nem dizer o nome aqui para não...

**Como que era nessa cobertura de economia durante o regime militar, como é que era a relação e o acesso as fontes?**

Evidentemente, a cobertura oficial tinha que passar pela assessoria de imprensa, assessoria de comunicação na época, a gente ficava na mão do assessor, era muito difícil você criar uma relação com fontes, fontes, muito difícil, podia até conversar em off, mas isso era uma coisa muito administrada pelo regime, a gente não podia, todo mundo meio que se resguardava ali, mesmo o acesso a autoridade, esse negócio de você pegar e botar o microfone, isso não existia, isso era sempre concedido, ministro, presidente do Banco Central, presidente do banco, as autoridades que tinham um poder enorme, o Estado naquela época era tudo na economia, o principal agente econômico. Os empresários privados tinham muita dificuldade também de falar, não tinham o hábito de falar pra imprensa. Eu me lembro que quando a gente fez os primeiros cadernos, a gente quis fazer matérias de negócios, os repórteres que iam em uma empresa média, os executivos perguntavam: "Tem que pagar por isso?" [risos] Não acreditavam que aquilo fosse assunto de interesse jornalístico, quando se dava notícia de empresa, a gente tinha até muita dificuldade de escrever para não parecer uma propaganda, hoje as notícias de negócio se tornaram rotina dentro de jornal, mas na época, sair uma notícia de empresa parecia que você estava, você geralmente falava do setor, setor siderúrgico, setor petroquímico, setor empresarial, mas nunca uma empresa específica. Então, a gente tinha muito pouca fonte empresarial, as nossas fontes empresarias eram aquelas relacionadas com entidades de classe, federação de industria, associação comercial, sindicatos patronais, então, a Associação Comercial do Rio de Janeiro, por exemplo, era muito importante, lá eles faziam uma reunião semanal que um, aí gente ia conhecendo alguns empresários, lá na Associação Comercial nasceram, por exemplo, a Associação dos Exportadores Brasileiros, o Giulite Coutinho que foi presidente da CBF, ele anunciava os números da balança comercial, a CASEX, ele era o porta-voz empresarial que anunciava os números da balança comercial, eu cobria lá, dava notícias sobre a balança comercial brasileira, não era o governo que divulga, como divulga agora toda semana, um empresário é que dava a notícia na reunião da Associação Comercial. O Rio ainda era um centro econômico, embora a economia de São Paulo já fosse muito mais importante, as entidades empresariais aqui, por causa da proximidade com o governo, parte do governo funcionava ainda aqui, essas associações eram muito prestigiadas, elas tinham muito prestígio, então, a gente se relacionava empresarialmente com essas entidades, a DECIF, com José Luis Moreira de Souza, Federação de Bancos, com Teófilo de Azevedo Santos, os presidentes da Associação Comercial, o presidente da então FIRJAN, Federação das Indústrias, e associações empresarias tinham quase

todas sede, ANBID, todas tinham sede no Rio, depois foram migrando para São Paulo. Eu cobria a área financeira, então eu me relacionava com as entidades financeiras, era muito difícil eu ir num banco, assim, falar com alguém. Com o tempo foram surgindo novidades, open market, por exemplo, mercado aberto de títulos, era uma novidade, cheguei um dia lá no *Globo*, e disse assim: "Tem um tal de open market que é uma coisa importante", aí o Ismar disse: "Então vamos fazer uma coluninha aqui, Open Market", aí, eu ia nas mesas de operação, fui conhecendo os operadores, esses caras se tornaram executivos importantes nos bancos, me ajudou muito na minha vida de repórter.

### **Quem era esse leitor de Economia do Globo?**

Não tinha a menor idéia, menor idéia, menor idéia. A gente acha que escrevia para um público, tanto que depois a gente tentou fazer uma coisa mais popular, entende? Mas esse período inicial, a gente acha que era muito hermético, até porque, pela nossa dificuldade de traduzir aquilo, eu, por exemplo, fui estudar economia, como eu já tinha garantido o registro profissional, eu resolvi, quando entrei no *Globo*, um pouco antes de entrar no *Globo*, eu fiz vestibular para Economia e fui estudar Economia, achei que pra mim seria mais interessante para a minha carreira e foi, me deu um diferencial em relação aos meus colegas, eu estudei a teoria econômica, a história econômica, os pensadores da economia, o instrumental que os economistas usavam, a contabilidade nacional, calcular o índice de inflação, isso eu sabia, aprendia na escola.

### **Conte um pouco mais sobre o suplemento *Panorama Econômico*, o *Panecão*.**

Não, o *Panecão* foi uma experiência assim interessante. Eu fui editor do *Panecão* por muito tempo, porque a gente tinha muito espaço, tinha muito anúncio, eu acho que era quando o *Globo* apresentava só conta ao governo, tinha muita publicidade oficial, muita publicidade também de estados e tal, era um faturamento enorme. Só que a gente realmente tentava fazer um trabalho sério, a gente aproveitava, a gente demorava seis meses fazendo este suplemento, nós tínhamos um orçamento paralelo, quer dizer, aprovava um orçamento, e a gente ia gastando ao longo de seis meses esse, esse... Então, eu era o rezinho durante uma época, porque eu tinha, eu administrava, prestava conta, tinha um livro, prestava conta, aí o Evandro tinha que assinar, porque que estava pagando tanto por tal matéria, não era assim uma coisa, mas era um orçamento importante. Quando eu me tornei até, no começo a gente aproveitava pra ter essas discussões, a gente tinha aquelas mesas redondas, que pegavam várias páginas, então, tinha espaço para veicular matérias

grandes, assuntos grandes. Então, vou lembrar assim, por exemplo, comecei a bolar temas que a gente não conseguia abordar no dia-a-dia. Então, tinha uma moça chamada Lúcia Murat, que hoje é uma cineasta famosa, diretora de cinema, que era nossa freelance, contratada para tocar o dia-a-dia do *Panecão*, aí eu disse assim: "Lúcia, eu tenho uma proposta pra você fazer, você tem uma rodovia chamada 364, que vai do Paraná à Rondônia, essa rodovia é no, eu queria que você fizesse o trajeto das pessoas", e ela foi lá, chegou na metade ela teve de parar, porque o ônibus não passava, era uma epopéia, mas ela traduziu isso, aí o fotografo que foi com ela me falou: "Puxa, publicamos 25 fotos, eu nunca publiquei tantas fotos", então, só o *Panecão* tinha... Eu me lembro, represa de Tucuruí, teve lá uma confusão danada na época, a empresa que estava fazendo faliu, a empresa que estava fazendo não, a empresa que ia desmatar, a empresa, a gente fez matéria sobre isso, fez matéria sobre os últimos lugares no Brasil sem luz elétrica, como era viver sem luz elétrica, estou assim lembrando de memória de reportagens que a gente fez no *Panecão*, que não saíam no dia-a-dia do jornal, fora entrevista, a gente sempre tinha uma entrevista grande, sempre tinha entrevista com pessoas importantes, ele precisava ser feito com muito antecedência, tinha que também conjugar debates com assuntos mais perenes.

**E qual que era a importância desse esforço de fazer um projeto desse tamanho para o jornal?**

O jornal ficava muito feliz porque, em primeiro lugar, dava um faturamento enorme, segundo, dava um certo prestígio, você uma vez por ano ter um caderno cento e tantas páginas, bem feito, era bem feito, foi uma coisa legal, e a gente testava muitos repórteres, que depois se tornavam repórteres de editoria, começavam como freelance ali, era uma oportunidade o *Panecão*, fizemos uns dez ou doze, se eu não me engano, suplementos. Depois ele entrou assim num negócio meio marreta eu acho, por isso até que ele morreu, também o país mudou, não tinha mais espaço para este tipo de caderno.

**Nessa sua primeira fase n'O Globo, quais são os outros grandes temas da cobertura econômica?**

Sinceramente, eu não registrei nada assim que fosse além do dia-a-dia mesmo, assim dia-a-dia, acho que o dia-a-dia que foi mostrando como o país estava mudando, como o país estava se transformando, acho que isso que foi o mais importante do que fatos, claro que demos vários furos, me lembro de dar furos, é que hoje perderam a importância assim, mas é... Eu acho que a gente pegou a transformação da economia, transformação do país, a crise do petróleo de 1974,



1973, 1974, depois o segundo choque do petróleo, a transformação do mundo na questão da energia, o plano do álcool, o Pro-Álcool, nascimento do plano do álcool, o início da produção de petróleo no mar, a descoberta da Bacia de Campos, essa coisa da transformação, a soja, a soja entrando no Brasil. Eu me lembro que uma vez eu peguei uma informação, o preço da soja chegou a tanto, informação que eu peguei no mercado financeiro, não tinha correspondente no interior, manchete lá "A soja bate tanto". Nosso repórter mais importante era o que cobria café, café ainda representava 30% das exportações brasileiras, só escrevia sobre café, você imagina, um jornal urbano, o café tinha tanta... Então, a gente foi mudando, foi cobrindo coisas, consumo, o varejo, que antes não tinha importância, o crédito direto ao consumidor, a taxa de juros, coisas que não faziam parte, o dólar, a política cambial, mudanças na política cambial, e assim depois as crises, vieram as crises, no final dos anos 1970 vieram as crises, crises econômicas, a insolvência do Brasil, a renegociação da dívida, mas assim, é tudo um roteiro da transformação, a gente foi testemunhando isso cada vez melhor, a gente foi se aprimorando como profissional, como jornal, cobrindo isso cada vez melhor. A gente começou meio papagaio, repetia o que ouvia, e com o tempo foi tendo uma visão mais crítica, jornalisticamente mais crítica, e também o país foi se transformando. No final do governo Geisel, você já tinha uma razoável liberdade de expressão no país, então, as pessoas já falavam, já criticavam, já escreviam artigos.

**A abertura política, que começa com Geisel, de alguma maneira ela expandiu, ampliou a cobertura econômica do jornal?**

No primeiro momento sim, porque o Geisel dava muita importância a questão econômica, e o Brasil já tinha mudado, já não era mais aquele país rural, que só dependia do café, já tinha uma indústria se mexendo, já tinha petroquímica, Pólo de Camaçari, a de São Paulo, Pólo de Camaçari, essa parte do agronegócio começava a surgir, urbanização acelerada também, o processo de urbanização acelerado, isso tudo ia se refletindo na economia e nas páginas de economia, mercado financeiro, outra coisa que não existia, passou a existir, comprar uma letra de cambio, comprar um CDB, isso tudo interessava ao leitor.

**O jornal pesquisava quem era esse leitor?**

Não, era muito, era muito empírico, muito empírico. Eu acho que só começou a pesquisar nos anos 1980, só nos anos 1980 que a gente percebia, mas você sabia se aquele assunto repercutia ou não, porque tinha repercussão no Congresso Nacional, você tinha repercussão no mundo empresarial, entendeu? Então, você mensurava por aí, uma manchete sua fazia com que o governo respondesse, ou

desmentisse, ou negasse, provocava alguma reação, então, pelo seu próprio noticiário você percebia se aquilo era um tema, se você estava chegando nos seus objetivos ou não. Também os jornais foram aumentando seus números de leitores, então, aí quando vai aumentando o número de leitores, você vai desenhando qual é o universo que você está atingindo, mas digamos assim, uma pesquisa mais qualitativa, acho que só nos anos 1980, até então era coisa completamente empírica, vamos que é por aí, que tem que ser por aí. Doutor Roberto dizia: "Jornal importante no mundo tem de dar manchetes políticas e de economia", era assim, um pouco, copiando também a experiência internacional.

**Vidor, você contou pra gente da sua saída em 1983, você disse que ficou em casa, não telefonou pra ninguém...**

Eu quero dizer que sou inocente nessa confusão, porque eu fiquei sem falar com Evandro, o Evandro ficou um ano sem falar comigo, mais de um ano talvez, bem mais, desde esse episódio, porque ficou uma situação muito ruim, quer dizer, um pouco que eu fui assim bucha de canhão nessa história, porque ficou uma certa discussão inicial sobre isso, que eu não tive participação, eu não liguei pra ninguém, eu não contei a minha versão, não contei. Fiquei em casa, e logo depois eu fui trabalhar no *Jornal do Brasil*, era a história que eu estava contando, *Jornal do Brasil* estava também um clima muito, já em crise também, crise econômica, ele, *Jornal do Brasil*, e sinceramente, eu passei dez anos da minha vida lendo *Jornal do Brasil*, primeiro que no *Globo*, já era quase dez anos, eu lia o *Jornal do Brasil* primeiro, depois o *Globo*, em determinado momento, eu passei a ler o *Globo* antes do *Jornal do Brasil*. Não sei nem quando é que foi, como é que isso aconteceu, ou seja, o nosso noticiário de repente passou a ser mais importante do que o do *Jornal do Brasil*, e isso eles sentiram. Então, eles fizeram a mudança lá, já no desespero, em 1983, tentar mudar o jornal, trazer também, muito calcado na parte comercial, e nessa onda eu fui para o *Jornal do Brasil*. E aí, contam as más línguas que, pelo menos o Evandro dizia isso por aí, que quando ele me demitiu, ele não ligou pro Delfim coisa nenhuma, mas que o doutor Bernard, que era o diretor do *Jornal do Brasil*, ligou para o Delfim pra saber se tinha alguma restrição a minha ida para lá. Contava isso aí, nunca contou pra mim não, mas eu soube, eu nem sei se isso é verdade. Mais aí fui para o *Jornal do Brasil*, fiquei lá um ano, um ano e meio, período muito difícil da minha vida profissional, muito difícil, porque o jornal tinha tomado a posição de não apoiar as eleições diretas, veja bem, o *Jornal do Brasil* não apoiar as eleições diretas, dizem que porque teria interesse na eleição do Paulo Maluf. Isso nunca foi declarado oficialmente para nós editores, era dito que o jornal não tinha candidato, mas no dia-a-dia isso era complicado, as pessoas que estavam

lá à frente da redação tinham realmente uma ligação com a política de São Paulo, eu era editor de Economia, não tinha nada a ver com a política em si... Então, eu tenho uma matéria, que é uma matéria para mim importante, que foi a entrevista com o empresário chamado João Pedro Gouveia Vieira, advogado importante aqui, era presidente do grupo Ipiranga, amigo do doutor Brito na época, ele me chama para dar uma entrevista, ele queria dar uma entrevista para apoiar o Tancredo Neves, uma atitude bem ousada dele na época, e eu pensei comigo: "Como é que vou publicar isso?". Eu estava com a matéria excelente, do ponto de vista jornalístico. Então, a matéria que eu fiz, em que o lead está no pé, o lead está exatamente nas três últimas linhas da minha matéria. E esse empresário fala, ele quer a união pelo Brasil, foi manchete do *Jornal do Brasil* no domingo, "União pelo Brasil", no final ele dizia: "Por isso que eu quero apoiar o Tancredo Neves". Olha, eu disse assim: "Meu Deus, e agora, como é que vai ser? Será que eu vou levar um puxão de orelha?", porque o *Jornal do Brasil* não tem candidato, mas tinha uma simpatia, talvez nos bastidores, pelo Paulo Maluf, a medida que apoiava a eleição indireta. Essa matéria, diz o doutor Tancredo, disse o doutor Tancredo pra várias pessoas, que ajudou ele a mudar o empresariado a favor dele, o empresariado sempre em cima do muro, acho que o Gouveia Vieira teve a coragem de falar isso, e fez com que o empresariado que estava ainda em cima do muro, em dúvidas, fizesse a opção definitiva, então, pode ser que eu esteja aqui me gabando disso, não sei, mas essa foi a versão que o próprio Tancredo deu. Aí eu fui cobrir, eu me lembro, fomos cobrir o encontro do Tancredo com os empresários no Hotel Glória, eu mandei cinco repórteres, porque era um mundo empresarial que estava ali reunido e realmente foi prestigiadíssimo, realmente o empresariado prestigiou esse encontro, cheguei lá só tinha um repórter da Política do *Jornal do Brasil*, eu tinha cinco da Economia, inclusive eu. Aí o editor de Economia, na época, subeditor de Economia fechou a página, botou a equipe toda que cobre, participou da cobertura, falei: "Agora eu estou demitido", só tinha um lá da Economia, eu mandei cinco lá por minha cabeça, da Economia, e a gente só fez matéria sobre política. Aí depois teve o encontro com o Paulo Maluf, eu não mandei ninguém, mas isso não teve importância. Quando o Tancredo assumiu, eu saí do *Jornal do Brasil*, porque esse grupo que estava lá saiu, e eu fui, saí, quer dizer, não saí, me botaram numa posição que eu fiquei muito desconfortável, eu fui promovido, na verdade eu fui rebaixado para repórter especial, sabia que era uma forma assim, sendo elegante dizer: "Olha, se você quiser ir embora é melhor, porque..." eu fiquei até com o cargo de editor de Economia, mas tinha um cara em cima de mim, eu tirei férias, na volta eu agradei e fui embora. Aí fui pra *Veja*, fiquei três meses na *Veja*, trataram muito bem, mas eu senti que eu não ia me adaptar lá, não fui, não me

sentia bem profissionalmente. Primeira semana que eu fui, fiz a matéria da capa, um empresário se matou aqui no Rio, um empresário da construção naval, a crise da construção naval, chamava Paulo Ferraz, e eu tinha falado com ele poucos dias antes, eu conhecia o assunto, isso foi na quinta-feira, a edição era fechada na sexta-feira, então, a matéria que eu escrevi foi a que foi, basicamente, a matéria de capa da revista, aí o pessoal disse assim: "Poxa, isso nunca acontece aqui não hein". [risos] Eu ia reclamar até, porque eu achei que a matéria que eu mandei, era melhor do que a que saiu, eles fizeram alguns enxertos que eu não tinha gostado, eu fiquei quieto. Aí eu senti que não ia me adaptar lá, e fui convidado para ir pra *Gazeta Mercantil*, sucursal da *Gazeta Mercantil* no Rio, eu fiquei um ano e pouco, na *Gazeta Mercantil*, um jornal de economia, uma coisa que eu fazia, tinha muita intimidade, então me adaptei muito bem lá. Aí, um belo dia, recebo uma ligação do Milton Coelho da Graça, meu querido amigo, mestre também, aprendi muito com o Milton. Milton, só fazendo um parêntese, ele era um jornalista notívulo, que dormia tarde... Acordava tarde. Dormia de madrugada e acordava tarde. Quando ele chegava no jornal, às quatro, cinco horas da tarde, ele vinha cheio de idéias, só que a gente já tinha mandado a reportagem pra rua, já tinha uma edição pré-elaborada, e aí começava a dar sugestões, 90% das sugestões dele eram muito boas, melhorariam a nossa edição, eu ficava louco, e dizia: "Ah! Meu Deus, por que o Milton não faz isso às dez horas da manhã?", e tinha que mudar a edição, quando dava eu ia adaptando, era muito bom, realmente, é muito bom, ele ainda está vivo. Foi um dos mestres. Pois bem, aí o Milton estava lá no *Globo*, me liga e pergunta: "Eu quero jantar com você". Eu achei que na verdade ele queria convidar a minha mulher, que é jornalista também, para trabalhar no *Globo*, como eu tinha saído do *Globo* naquela situação, ele queria saber como é que eu, na minha cabeça isso, foi até na Gávea, estou lembrando isso agora, já tinha esquecido, aí pergunta: "Como é que você veria um convite para voltar para o *Globo*?", fiquei completamente atônito, eu falei: "Olha, eu sou um profissional, se fizerem um bom convite, eu volto". Aí, daqui a alguns dias, me liga a secretária do Evandro, marcando um almoço com o Evandro, imagina, a gente tinha se cruzado assim no Rio, em alguns lugares, e toda vez que a gente se cruzava era um constrangimento, porque a gente mal se cumprimentava, as pessoas se sentiam constrangidas, era uma coisa horrível, acho que eu tive com ele poucas vezes, foi assim, situações nada agradáveis, não por minha causa, mas as pessoas se sentiam constrangidas, acho que ele também, ele era uma pessoa mais fechada, então, ninguém sabia se ele não gostava de mim. Então, eu nunca tinha conversado com ele sobre isso. Aí liga a secretária para a gente almoçar no Antiquarius. Eu fui lá, cheguei, ele almoçava cedo, meio-dia, eu chego lá no Antiquarius, não tinha celular na época, liga a

secretária dizendo: "Olha, o doutor Evandro está atrasado, mas ele pediu para você esperar". Ele chega, me cumprimenta como se nada tivesse acontecido, dizendo: "Em primeiro lugar, eu quero dar a minha versão sobre aquela história toda.". E depois: "Acho que pra você foi importante, você aprendeu outras coisas, eu queria que você voltasse". Falou pra mim que o editor que estava lá era uma pessoa boa, mas que a seção de Economia não repercutia. Eu falei: "Caramba", aí me ofereceu um salário, eu disse assim, aí eu aproveitei, disse: "Não, esse salário eu não vou não, muito pouco", aí ele disse: "Então, eu vou falar com João Roberto e tal", aí me ligou: "O João Roberto melhorou aqui", na verdade eu estava doido pra voltar, era um certo prazer para mim voltar para o *Globo*. Não foi fácil, porque eu cheguei lá estava mudando o sistema, o sistema de fechamento, tudo passando por computador, saindo da máquina de escrever para o computador, então, tinha que aprender isso simultaneamente, então, tinha um curso de aprendizado que eu não fiz, eu acho que fui um dos poucos profissionais do *Globo* que não fez este curso, porque eu tive que aprender na prática a fazer e ensinar para os meus redatores simultaneamente, quer dizer, eu estava chegando no jornal, e tinha de ensinar para os meus redatores. Um dos meus redatores era um dos meus primeiros chefes no *Correio da Manhã*, redator-chefe do *Correio da Manhã*, Rui Rocha, e era o meu redator, eu era chefe dele, você imagina como o mundo é... Rui Rocha tinha sido redator-chefe do *Correio da Manhã* e agora sendo meu redator na seção de Economia do *Globo*. Então, foi um período muito de readaptação lá, foi complicado, era o fim do Plano Cruzado, eu me lembro que até negocieei com o Evandro, eu sabia que ele era muito amigo do Sarney: "A primeira coisa que eu queria era conversar com Sarney". Eu nunca tinha falado com o Sarney. Eu fui lá no Planalto, no Alvorada, fazer uma matéria sobre como é que o Sarney estava vivendo o Cruzado, que estava no final, ali foi o baque do Cruzado, congelamento de preços, desabastecimento, inflação terrível. Aí foi a eleição que eles ganharam de lavada até, que foi eleito Moreira Franco e não sei quantos governadores do PMDB. Aí fiquei lá me adaptando no *Globo* de volta, tinha mudado muito, tinha que reconstituir a equipe, criar novos, formar gente, hoje eu me lembro, uma das estagiárias minhas é hoje editora de Economia lá, foi lá um dia, era do *Jornal do Commercio*, ela falou: "Estou precisando de emprego", eu tinha visto ela numa cobertura pela rua, "Puxa, essa menina promete, vem pra cá", hoje é editora de Economia. Outra, uma das antecessoras dela, exatamente a antecessora dela, também eu levei lá, ela era estagiária da *Isto É*, e virou editora de Economia lá. Então, eu tinha assim um certo orgulho de formar profissionais lá no *Globo*. Eu fiquei um ano e pouco só como editor, depois eu fui fazer o *Panorama Econômico*, que aí já era coluna assinada, primeira vez que eu fiz não era assinada, não tinha

esse negócio de colunista assinar, eu sabia que jornalismo também foi se transformando, as pessoas foram virando, os jornalistas foram virando personagens, na minha época não, inicial, pouca gente assinava matéria, matéria pra ser assinada, tinha que ser assim, um furo enorme, era tudo anônimo, e depois passou tudo a ser assinada, até realese, que a gente dizia, transcrição de realese saía assinada, e a coluna assinada, que dava mais projeção a você, mais prestígio, a coluna com seu nome. Fiz essa coluna até 1994, se não me engano, depois a Miriam Leitão foi para o meu lugar, eu fui ser editorialista, e passei a fazer uma coluna só semanal eu acho, depois fui pra televisão.

### **Como é o cotidiano da produção de uma coluna?**

Hoje a coisa melhorou muito, porque você geralmente tem uma equipe, tem uma equipe que te ajuda a fazer a coluna. Antigamente, você tinha dificuldade de telefone, você não tinha celular das pessoas, você não tinha email, não tinha internet, então, você dependia muito do seu próprio trabalho, de encontrar as pessoas certas nos lugares certos, naquele telefone que era só aquele, da casa, do trabalho, coincidir, ir nos lugares, era muito comum ir nos lugares onde, evento, porque ali você vai encontrar muita gente, conversar com dez pessoas que você conhece num evento, hoje você não precisa sair da redação, você passa email o tempo todo, você tem os celulares das pessoas, as pessoas te ligam, você liga, troca mensagem, e tem uma equipe te ajudando, quase todos os colunistas diários tem uma equipe, tem um repórter, dois repórteres, três, às vezes estagiários. Eu, quando comecei a fazer coluna, era nó, e nós mesmos, não tinha ninguém, a gente tinha que fazer da nossa cabeça e tal, mas também tinha muita liberdade, você quase não era pautado, ninguém te pautava pra fazer coluna, o colunista sempre foi aquele que tinha uma pequena dose de opinião já no noticiário, embora as nossas colunas fossem, inicialmente, colunas de repórteres, ou seja, de informação, nunca de comentário, isso também foi uma transformação. Quem fazia pequenos comentários? Zózimo Barroso do Amaral dava uma alfinetada, mas ele podia, a gente não. O Carlos Swann, por exemplo... Quem é Carlos Swann? Um personagem fictício, depois ela passou a ser assinada, Swann passou a ser o Boechat, passou a ser outras pessoas, pessoas de carne e osso. Então, houve uma transformação, hoje são equipes que ajudam, que levantam, que ajudam a levantar dados, a construir análises, a ouvir pessoas, quase sempre o colunista dá o trabalho final, claro que você dá um toque. No meu caso, como eu faço uma coluna por semana, então, sou eu mesmo, não tem equipe, nem o jornal vai me dar uma equipe pra fazer uma coluna semanal. Então, produto do meu trabalho variado, eu sou uma pessoa que, como eu trabalho na televisão, como eu sou editorialista do jornal, eu

converso com muita gente no meu dia-a-dia. E aí disso eu produzo uma coluna, que às vezes tem notícia, às vezes tem análise, às vezes tem opinião.

**A partir do Plano Cruzado, o Brasil vive uma sequência de planos: Cruzado II, Plano Bresser, Plano Verão... Como você avalia a forma como os jornais passaram a cobrir e a informar o público sobre como que isso afetava a vida deles?**

Eu acho que aí, esses planos vieram já com a gente amadurecido, os jornais, e editoriais de Economia já estavam bem amadurecidas e preparadas para pegar esse impacto, foram planos que tinham impactos enormes na vida da população. Collor, Plano Collor foi uma coisa dramática, eu era o editor na época lá, não, não era mais o editor, mentira, já era só o colunista, coisa dramática você traduzir aquilo para o público, o que estava acontecendo, que poderia acontecer, o país entrando numa recessão profunda, era realmente, foi um período terrível, acho que eu não me lembro, mesmo com todas as crises na economia, acho que teve dois períodos muito difíceis, 1983, 1984, foi o período da moratória brasileira, da renegociação da dívida, em que a gente estava com a inflação acelerando e a política salarial era de cortes, por exemplo, se você ganhasse tanto, você só ia receber só 60% do índice de inflação, foi um período meio que as pessoas viram seus salários diminuírem, mas não tinha assim um desemprego como aconteceu, por exemplo, já no final dos anos 1980, início dos anos 1990, não vi a mesma situação de desemprego tão grave como desse período. Aí veio o Collor que foi, aí sim, já numa situação de recessão mesmo, o país em recessão, eu nunca tinha visto isso, acostumei na minha vida, mesmo na minha infância, a ver um país pobre, um país com uma classe média muito pequena, com uma classe, com uma elite pequena também, mas eu nunca tinha visto o que era uma recessão urbana, como a gente viu no início dos anos 1990, uma situação dramática, uma inflação galopante, crônica, aguda.

**Vidor, como é ser editorialista?**

É claro que a gente tem as vigas mestras do jornal, você sabe exatamente o que o jornal pensa a respeito de determinadas questões, o *Globo*, por exemplo, é a favor da livre iniciativa, da presença do Estado só como atividade de regulação, na atividade intrínseca ao próprio Estado, é um jornal que está do lado do mercado, embora o mercado, nesse momento exato, esteja numa fase meio por baixo, apoiou fortemente as privatizações, o programa de privatização, foi muito crítico, por exemplo, no programa inicial do PT etc. Dentro disso, a gente escreve, dentro de temas que a gente escolhe ali, com muita liberdade, muita liberdade mesmo,

assim, impressionantemente, como você não é, não fica numa camisa de força, imaginei antes que... Eu já tinha uma experiência de editorialista bissexto, eu, mesmo como editor de Economia, fazia um editorial por semana já, um editorial de Economia por semana para o *Globo*, saía geralmente aos sábados, eu acho que foi por isso que eu virei editorialista. Havia uma certa dificuldade de fazer editoriais de Economia, tem que conhecer um pouquinho. Hoje tem lá no *Globo*, por exemplo, o Aloísio Mariano, que também pode escrever, e outras pessoas também que são habilitadas a isso. E Economia sempre é um tema frequente nos editoriais, por isso que não saí de lá até hoje, desde 1995, já tem 13 anos como editorialista.

**Nesse tempo todo de jornal, o pensamento do jornal mudou?**

Mudou, claro que mudou. O jornal hoje é muito mais aberto, ele tem o próprio, o *Globo*, vamos falar do *Globo* que é o que eu conheço mais, ele é muito mais ávido pela discussão, pelo debate, tanto que teve uma época que, a gente tem uma página de artigos, e nós quisemos fazer um, que o editorial fosse sempre mostrar uma contra-opinião. Olha, essa idéia fracassou porque a contra-opinião nunca tinha a mesma agilidade que o jornalista tem, então, você ligava para alguém e tal, "A gente precisa de uma contra-opinião", "Tudo bem, a gente manda na semana que vem", que o cara quer escrever, pensar duas vezes, "Não, mas é pra amanhã, pra hoje", aí a gente foi restringindo essa contra-opinião, a duas vezes na semana, geralmente, no fim de semana, porque aí dá tempo, e mesmo assim a gente mudou para outra opinião, era contra-opinião, passou a ser outra opinião pra, porque, às vezes, a opinião não é tão diferente do jornal, tem algumas nuances só. Mas essa necessidade, essa avidez de ter o debate ali, de ter, de abrir mais espaço para cartas dos leitores, para artigos, o mundo acadêmico, atrair o mundo acadêmico, sempre a dificuldade que a gente escreve resumidamente, pouco espaço, poucas linhas, isso mudou completamente, mudou muito. O *Globo* teve até dificuldade na época de encontrar alguém que pudesse substituir o Roberto Campos numa postura mais conservadora, então, a gente precisa ter um articulista que tenha uma visão também conservadora, a gente não pode perder esse, foi a maior dificuldade, porque a gente tinha mais de uma postura crítica, do que dos conservadores. Isso mudou muito, acho que o Brasil foi mudando, os jornais também, o *Globo* também, é a nova geração, a geração que está à frente dos grandes jornais é toda uma nova geração, que nasceu e vivenciou as mudanças. Isso reflete muito na linha dos jornais.

**Você acha que cresceu a possibilidade de interlocução do leitor com o jornal? E isso tem alguma influência na feitura do jornal, ou não?**



Acho que sim, inclusive, porque os jornais cada vez mais estão embutidos em uma coisa que mistura internet, online, e isso tende a cada vez estreitar mais, essa influência do leitor, a presença do leitor no próprio jornal.

**Vidor, quando você vai para a televisão, para a *Globo News*, passa a haver alguma questão nova para você quanto ao cuidado do trato da informação econômica, por estar em outro tipo de veículo?**

A televisão é sempre, atinge um público sempre muito maior, mesmo a TV a cabo, a TV por assinatura, ela sempre atinge uma multidão, então, eu estou falando de Norte a Sul do país. Eu estou escrevendo num jornal, eu sei que o jornal, ele está concentrado no Rio de Janeiro, 98% dos leitores estão no Rio de Janeiro, então, o meu enfoque, mesmo a minha coluna sendo reproduzida em outros veículos, eu sei que o meu maior mercado é do Rio, então, eu tenho que pensar no Rio quando eu escrevo no *Globo*. Quando eu vou para a *Globo News*, eu tenho de pensar no Brasil, no mercado brasileiro, pra gente dos mais diferentes conhecimentos de economia. Mas eu aprendi o seguinte, que eu tenho que ser eu mesmo, não vou ali mudar de personagem, aqui no jornal eu sou, então, eu sou eu mesmo, esse meu jeito de escrever é o mesmo jeito que eu falo na televisão, sempre pensando com essa diferença, eu estou aqui para um público nacional, e aqui eu estou escrevendo para um público mais local.

**E a visibilidade que televisão lhe dá?**

Enorme, porque no jornal ninguém sabe qual é a minha cara, não sabe como eu sou, a televisão aparece, as pessoas sabem, então, eu vou ao Rio Grande do Sul, alguém cruza comigo, sabe quem eu sou, ou no Maranhão, ou em Fortaleza, Campo Grande.

**E o jornalista econômico, ele vira um aconselhador econômico?**

Ele vira porque agora, principalmente, na época de crise, todo mundo fica querendo saber, fica inseguro, acha que você... Eu não sabia, por exemplo, se eu dou uma risadinha no final, o jornal tem um efeito, se eu estou muito sério tem outro, eu não faço isso pensado, isso é uma coisa natural, as pessoas às vezes me contam: "Puxa, você estava muito sério ontem", "Ah, fiquei tranquilo quando você deu, quando você abriu um sorriso no final, quer dizer que as coisas não estão tão graves", esse tipo de linguagem eu desconhecia.

**E você passou a ter cuidado com isso?**

Não, passei a ficar preocupado, ando dizendo: "Poxa, que responsabilidade que eu tenho, que não sabia que tinha", passei a ficar preocupado. No outro dia, encontrei uma moça, "Só vou dormir depois que eu vejo você falar lá, aí eu vou dormir tranquila". Puxa vida, não sabia que eu tinha essa responsabilidade.

### **Que questões éticas se colocam para o jornalista de Economia?**

Essa questão da ética é importantíssima. Por quê? Você na verdade está dando uma palavra final ali, eu não vou falar e vai ter alguém que vai peneirar minhas palavras para botar no ar, eu estou ali falando alguma coisa, eu estou escrevendo alguma coisa, então, há uma responsabilidade do jornalista hoje enorme, ainda mais que, antigamente, havia o revisor, o copidesque, hoje não, quer dizer, você quase que dá o texto final do que vai ser publicado. Então, a relação de confiança entre os superiores hierárquicos e os seus subordinados tem que ser enorme, você tem que confiar muito naquele jornalista, se ele está fazendo um trabalho correto do ponto de vista jornalístico, o que é correto do ponto de vista jornalístico? Buscando a informação pelos seus vários ângulos, a quem aquilo afeta, a quem aquilo pode afetar, checar se aquela informação é verdadeira ou não, se ela está correta, se ela está precisa, então, isso aumentou muito a responsabilidade entre uma questão ética, cresceu de importância no jornalismo de hoje, sempre devia ter sido importante, mas no passado, vamos dizer, quando eu comecei, isso não era tão, você aturava certas situações que hoje não aturaria. E do ponto de vista de empresa, eram empresas muito mais frágeis, as empresas de comunicação, elas tinham, os interesses comerciais se envolviam muito no próprio noticiário. Hoje, não acredito que o departamento comercial influencie: "Olha, não dá essa notícia não que prejudica o mercado imobiliário".

### **É possível fazer uma história do que contribuiu para o jornalismo econômico amadurecer no país?**

Eu acho que foram várias coisas, uma, a profissão jornalística, de jornalista, se tinha por um lado a vantagem de reunir gente com diferentes experiências, também no começo da minha profissão, tinha médico, tinha diplomata, mas tinha o cara que tinha sido açougueiro, tinha a escola primária, entendeu? Hoje não. Você tem que passar por uma faculdade, tem que ter uma linha profissional, não sei se a faculdade te dá a bagagem que você precisa ter para ser um bom jornalista, mas obrigou a profissão a se profissionalizar, em certo sentido, a melhorar. O país mudou, se transformou, cresceu, o mundo mudou, o mundo da informação mudou, tecnologicamente se aprimorou muito, é a informação instantânea, o público que demanda informação, que busca informação, tem caminhos variados para chegar a

ela, tem opções, tem o controle remoto, tem a internet, tem o computador, tem a leitura, jornal, revista de diferentes jornais, até fora do nosso idioma. Então, tudo isso, fez com que o jornalismo econômico, ele tivesse que evoluir, tivesse que acompanhar as transformações, acho que o jornalismo que a gente faz hoje é muito melhor do que aquele que eu comecei, não tem nem comparação.

**Mas que tem esses desafios também para enfrentar, não é?**

Claro. A gente sempre fala que às vezes a gente peca pela falta de memória, às vezes, no jornal. Tem pouca gente de cabeça branca, esse é um lado negativo, mas tem internet, qualquer coisa você entra ali e consulta.

**Qual é a sua opinião sobre um projeto como esse, que tenta resgatar a memória do jornalismo?**

Você sabe que o jornalista, ele despreza um pouco a sua própria memória. A gente sempre dizia que jornalista não é notícia. Você morre e fica lá umas três linhas só no obituário, "Fulano trabalhou aqui", mesmo assim, quase que uma satisfação à família, então, a gente despreza muito isso... É interessante: somos os observadores da história, acompanhamos a história e não dedicamos nenhum espaço para a nossa própria história, como profissionais. Então, eu acho legal, acho que é uma idéia boa, tomara que vocês sejam bem sucedidos, que isso sirva, quem sabe no futuro, sirva para alguma coisa.